



Universidade Federal do Pará – UFPA
Instituto de Letras e Comunicação – ILC
Faculdade de Comunicação – Facom
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

A VERSÃO BRASILEIRA TAMBÉM ODEIA O CHRIS? ESTEREÓTIPOS RACIAIS NA DUBLAGEM

Melyssa Oliveira Carvalho Almeida¹

Raissa Lennon Nascimento Sousa²

¹ Graduanda de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará. E-mail: melyssacalmeida@gmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação, Mestre em Ciências da Comunicação, Especialista em Produção Audiovisual, graduada em Jornalismo/ Comunicação Social. E-mail: raissalennon@ufpa.br



AGRADECIMENTOS

A Deus e à Nossa Senhora.

À minha mãe, Luana.

Ao meu pai, Marcelo.

Ao meu irmão, Malthus.

Ao meu amor, João Vitor.

Aos meus amigos: Frei Filipe, Mirella, Fernanda e todos os outros por mim queridos.

À minha avó, Graça.

Em memória da minha avó, Alzira.

A quem me seguiu do primeiro rabisco até o bê-a-bá, Lua.

À professora Raíssa.

Ao Frei Ribamar.

A quem um dia eu venha a ser.

E a muitas outras coisas que não ousou compreender...



RESUMO

Este trabalho analisa criticamente a dublagem brasileira da série *Todo Mundo Odeia o Chris* (*Everybody Hates Chris*), investigando como estratégias de tradução e adaptação podem reforçar estereótipos raciais e naturalizar práticas de racismo estrutural. A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada na análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e na análise de discurso (PÊCHEUX, 1990), a partir dos três primeiros episódios da primeira temporada. Foram examinadas expressões populares, substituições lexicais e decisões interpretativas que, ao buscar aproximar o humor da obra ao público brasileiro, incorporaram termos historicamente racistas, como “mulambo”, e ditados de origem escravocrata, como “debaixo desse angu tem caroço”. Além disso, são discutidas as escolhas de direção e escalação dos dubladores, a ausência de representatividade negra na equipe e o papel da dublagem como agente político-cultural. Os resultados demonstram que a domesticação (VENUTI, 1995) do texto original, sem a devida atenção ao contexto histórico e racial, contribui para transformar uma obra de crítica social em um produto que reforça estigmas e preconceitos. A pesquisa evidencia, assim, a necessidade de uma reflexão ética no campo da tradução audiovisual e da dublagem, especialmente em produções que abordam questões raciais.

PALAVRAS-CHAVE: dublagem; racismo; representação; tradução audiovisual; estereótipos.

1. INTRODUÇÃO

A dublagem ocupa um papel fundamental na democratização do audiovisual, que é o de possibilitar o acesso de pessoas analfabetas, deficientes visuais, crianças, idosos e detentoras de qualquer outra particularidade que impeça a utilização de legendas em produtos de países de línguas estrangeiras, o que torna essa ferramenta uma forma de trazer contribuições e influências próprias. Além disso, a dublagem também envolve um processo de reescrita dos diálogos em idioma não nativo para adaptar o texto linguística e culturalmente a fim de que seja facilmente entendível pela inteligência e repertório sociocultural do público-alvo em questão, com o objetivo de conquistar, gerar sentimentos de identificação e tornar a experiência totalmente acessível ao telespectador, o que, em muitos casos, impossibilita uma tradução literal em circunstâncias de ditados populares, gírias, referências culturais e outros traços da comunicação nativa e o profissional responsável tem a liberdade para mudanças mais invasivas. A linguista Pinto (2000) destaca a indissociabilidade dos aspectos sociais para uma plena comunicação e a produção de sentidos:



Qualquer tentativa de descrição da comunicação que exclua aspectos sociais é considerada inócua e ineficiente para a pesquisa pragmática. A linguagem não é, portanto, meio neutro de transmitir ideias, mas sim constitutiva da realidade social. Não sendo a “realidade social” um conceito abstrato, mas o conjunto de atos repetidos dentro de um sistema regulador, a linguagem é sua parte presente e legitimadora, e deve ser sempre tratada nesses termos. (PINTO, 2000, p. 63)”

No caso de um produto humorístico, a realidade linguística e comunicacional descrita por Pinto(2000) se soma à necessidade de criar estratégias para que o teor cômico permaneça e gere riso, tornando substituições ainda mais necessárias. Neste sentido, a dublagem em português brasileiro do seriado norte americano Todo Mundo Odeia o Chris (Everybody Hates Chris), nacionalmente exibido por mais de uma década, pode reproduzir estereótipos raciais e substituições racistas na fala, atuação, tradução, reinterpretação e expressão dos diálogos dos personagens, e a percepção veio quando eu, como telespectadora, tive acesso a versão original do seriado. Notando as diferenças, surge o questionamento de como isso pode corroborar para a perpetuação do racismo estrutural, e também interferir na dinâmica da própria trama, influenciando diretamente na experiência do telespectador e consequentemente nas percepções sobre a obra.

A série Everybody Hates Chris, traduzido no Brasil para Todo Mundo Odeia o Chris, foi produzida entre os anos de 2005 e 2009 pelos canais de televisão WB e UPN, teve 4 temporadas que somadas totalizam 88 episódios e se caracteriza como uma black sitcom, “sitcom” é a abreviação de situation comedy ou "comédia de situação" que denomina um gênero de televisão e rádio caracterizado por personagens fixos passando por situações engraçadas, já o termo black é pelo protagonismo negro nessas produções.

Desse modo, os sitcoms não visam, basicamente, [a] fazer o público rir. É uma forma de o escritor passar a um grande público suas ideias e opiniões sobre a sociedade em que está inserido. A graça, o riso fácil, é consequência de um texto bem escrito e personagens bem elaborados dentro de um contexto bem apresentado. Os sitcoms, retratando o cotidiano de uma família típica de uma sociedade, trazem drama, humor, aventura, ficção e todas as demais abordagens imagináveis, mas acabam, também, assumindo a obrigação de fazer rir. De forma satírica,



ele diz a verdade sobre questões sociais, políticas e familiares de uma determinada cultura (FURQUIM, 1999, p. 8).

No Brasil, a série na versão dublada foi transmitida em tv aberta pelo canal Record de forma fixa entre os anos de 2006 e 2016, período em que se popularizou no país como um sucesso de audiência, depois continuou sendo exibida intermitentemente até hoje, além de ser disponibilizada em plataformas de streaming e de forma gratuita pelo no Youtube.

A narrativa se passa nos anos 80 e acompanha a vida do personagem Chris Rock, um adolescente negro que se muda para um bairro no Brooklyn, em Nova York, habitado majoritariamente por pessoas negras, chamado “Bed Stuy”, e passa a frequentar a Escola Corleone em um bairro de imigrantes italianos onde é o único aluno negro matriculado. Além dos dilemas escolares e outras situações inerentes à adolescência do protagonista, a série também explora profundamente o seio familiar, as relações de afeto entre eles e a interpessoalidade de cada um dos personagens da família Rock com a comunidade em que vivem, sempre destacando a vivência afro americana em um país racialmente segregado com uma sociedade racista. A família é composta pelo pai, o Julius, a mãe, a Rochelle, e dois irmãos mais novos, o Drew e a Tonya. A trama é baseada na autobiografia ficcional do comediante afro-americano e produtor da série Chris Rock, que também interpreta o papel de narrador-personagem com comentários realistas, críticos e sarcásticos, reflexo do olhar maduro como adulto sobre as histórias do seu passado.

Portanto, a série perpassa por constantes casos de racismo, construções sociais complexas e relações afetivas que são desenhadas com humor e sagacidade, o que na adaptação da dublagem brasileira resultou em falas com substituições pejorativas, termos e ditados populares racistas, além de estereótipos raciais na interpretação de personagens negros, como a agressividade ocupar o lugar de característica principal nas falas das duas principais figuras negras de autoridade da série, o Julius e a Rochelle.

Os estereótipos raciais são construções sociais e culturais que atribuem, de forma simplificada e generalizada, características específicas, geralmente negativas ou limitadoras, aos corpos racializados, o que colabora para a

marginalização e opressão de raças e contribuem para a manutenção das desigualdades, influenciando em como a sociedade percebe e entende as questões raciais. Neste contexto, a fala dos personagens negros, com substituições por expressões brasileiras racistas, mudança nos apelidos, além do alto tom de voz em momentos que os atores não tinham afetação, reforça uma imaginário preconceituoso de que pessoas negras estão vinculadas a um determinado modo de falar, agir e de partilhar afeto, o que contribui para o racismo estrutural.

Outro fator relevante é a adaptação linguística presente na dublagem brasileira e, diferentemente da simples tradução literal, ela permite a livre modificação, inserindo traços da oralidade, informalidade, ditados populares, características regionais e referências socioculturais.

"Na adaptação, às escolhas do tradutor são mais invasivas, indo do remodelamento de algumas partes ao corte drástico de outras. Em uma tradução, por sua vez, existe uma tendência de se seguir a estrutura e o conteúdo do prototexto: 'uma tradução literária e fiel para outra língua' (AALTOONEN, 2000 apud FOIS, 2020, p. 220)."

A dublagem, ao adaptar o texto para um contexto brasileiro, não apenas traduz a língua, mas também incorpora marcas culturais locais e tenta aproximar os telespectadores daquele produto estrangeiro. Para Venuti (1995, p. 21), uma "tradução fluente disfarça-se de equivalência semântica verdadeira, quando, na verdade, inscreve o texto estrangeiro com uma interpretação parcial, [...] reduzindo-o, senão simplesmente excluindo, a diferença que a tradução é convidada a transmitir" ressaltando a importância da adaptação na dublagem.

O principal objetivo é, então, analisar os três primeiros episódios da 1ª temporada do seriado *Todo Mundo Odeia o Chris*, na versão original e dublada, para identificar de que forma a versão em português do seriado reproduz estereótipos raciais e contribui para uma narrativa audiovisual preconceituosa. Como objetivos específicos: Compreender processo de tradução e dublagem para apontar as possíveis causas do resultado da série e apontar quais comportamentos e palavras da dublagem e porque eles são preconceituosos.

Para atingir tais objetivos, a pesquisa propõe uma abordagem qualitativa baseada na análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e pela análise de discurso (PÊCHEUX, 1990) do seriado *Todo mundo odeia o Chris* (2006) na versão dublada em português brasileiro. Segundo Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações através de procedimentos de descrição do conteúdo das mensagens que permitam a constatação de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens, recurso que será utilizado para identificar no conteúdo a presença ou não de estereótipos raciais e padrões linguísticos pejorativo no black sitcom em questão comparando a versão original com a dublada.

Enquanto a análise de discurso auxiliará a reconhecer o contexto social e histórico dos atores responsáveis pela dublagem, que seria a formação imaginária deles e a posição de sujeito, conceitos apontados por Michel Pêcheux (1990), além de evidenciar as estratégias utilizadas na tradução do material, comparando o texto original e a versão regrava para a exibição no Brasil e analisando as mudanças feitas.

Especificamente, a análise será baseada nos 3 primeiros episódios da 1ª temporada, que se diferenciam por fazer a apresentação de todos os personagens, trazer as principais características das personalidades de cada um e introduzir o tom do humor que estará presente em todas as temporadas, já que não houve mudança no formato, mesmo acompanhando o protagonista dos 13 aos 18 anos. Os episódios têm como título, em ordem cronológica: *Todo Mundo Odeia o Chris*, *Todo Mundo Odeia Keisha* e *Todo Mundo Odeia Basquete*.

A análise, com uma abordagem abrangente e complementar, permitirá a identificação dos elementos linguísticos e simbólicos que reforçam estereótipos raciais na série em questão e detectar aspectos que contribuem para a naturalização do racismo estrutural, estimulando uma reflexão ampla sobre o papel e a responsabilidade da dublagem.

2. A CONSTRUÇÃO DA DUBLAGEM

A versão em português brasileiro de *Todo Mundo Odeia o Chris* desperta questões raciais não apenas no resultado final do audiovisual exibido, mas também leva ao questionamento sobre a raiz do problema e o processo de dublagem e a construção social e cultural que o acompanha. A trajetória mais comum para dublar um produto audiovisual inicia com a recepção do material (filme, série, animação, etc), geralmente com o roteiro original, enviado pela distribuidora cinematográfica responsável. Depois, são feitas a tradução e a adaptação do roteiro para o público brasileiro, ajustando aspectos culturais, gírias e referências locais, levando em consideração questões técnicas como sincronia labial e duração da fala. Com o novo roteiro finalizado, o diretor de dublagem faz um processo seletivo dos dubladores para cada personagem. Após isso, as falas são gravadas e a última etapa é a mixagem de som. Entre os passos descritos, os mais importantes para este trabalho são a tradução, a seleção de direção e atores, e a gravação.

A tradução para dublagem é um processo de mediação linguística e cultural que vai muito além da simples conversão de falas de um idioma para outro, merecendo, segundo Edmond Cary, "o título de tradução total e pode ser considerada o grau mais elevado de tradução" (apud PAOLINELLI, 1996, p. 30). Aplica-se o conceito de tradução intersemiótica que é pelo fato de não se tratar apenas da tradução do código linguístico, mas de um complexo sistema de signos – micro gestuais, de múltiplas camadas interpretativas (que serão abordadas a seguir) – que contaminam ou determinam a construção de sentido e comparecem no áudio dublado. Destarte, pretende-se que o regime de sentidos da obra não seja modificado" (WODEVOTZKY; BAITELLO JR., 2019, p. 180). Os múltiplos sistemas de signos, como imagem, som, gestos e expressões faciais, exigem dos profissionais a harmonia entre a voz dublada, os elementos visuais e o contexto da obra original. Essa etapa também envolve uma série de desafios artísticos e técnicos, o que implica na necessidade de alinhamento entre tradutor, diretor e dubladores.

Um tradutor pode se sujeitar ao texto original e às normas que este realizou, ou às normas ativas na cultura alvo ou seção da mesma que irá receber o produto final. [...] Enquanto a aderência às normas-fonte determina a adequação de uma tradução em comparação com o texto-fonte, sujeitar-se às normas originárias da cultura-alvo determina sua aceitabilidade. (TOURY, 1995, p.57)

Para alcançar a aceitabilidade descrita por Toury (1995), a os tradutores devem realizar a domesticação, um conceito apontado por Venuti(1995), que consiste na estratégia de tradução que adapta o texto estrangeiro à cultura da língua de chegada, de forma que ele pareça ter sido originalmente escrito naquela língua visando uma naturalização do texto para o público-alvo.

O objetivo da tradução é recuperar o outro cultural como o mesmo, o reconhecível, até mesmo familiar, e esse objetivo sempre corre o risco de uma domesticação integral do texto estrangeiro, geralmente em projetos altamente inseguros, nos quais a tradução está a serviço de uma apropriação de culturas estrangeiras para pautas culturais, econômicas, políticas nacionais (VENUTI, 1995, p. 18-19)

A dublagem da 1ª temporada do seriado Todo Mundo Odeia o Chris foi produzida pela Vídeo Interamericana, mais conhecida como VTI, uma empresa de dublagem brasileira que ficou ativa entre 1984 a 2008 e não possui créditos com relação à tradução, mas o entendimento dos conceitos que permeiam possibilitam notar que as escolhas de ditados, palavras e expressões racistas para substituir o inglês pelo português foram na tentativa de domesticação do texto norte americano. A problemática está na desconsideração das origens das palavras do próprio idioma, mesmo que a trama original pedisse atenção para um dos temas centrais, o racismo, ainda que suavizado pelo teor humorístico de um sitcom.

Outro agente crucial para a definição do resultado final é o diretor de dublagem, que no caso da série *Todo Mundo Odeia o Chris*, a 1ª temporada ficou sob a direção de Célia Guimarães, uma mulher branca. A função do diretor é "escalar os dubladores que têm a voz que melhor se encaixa a cada personagem do filme e, na hora da execução da dublagem, orientar os atores, pois eles não assistem o filme e se apóiam nas opiniões e interpretação do diretor, e dar 'palpites' no que deve ser mudado ou melhorado" (BARROS, 2006, p. 60). As escolhas de escalação dos dubladores da 1ª temporada evidenciam a falta de representatividade negra, o que pode distanciar do real em um seriado sobre o cotidiano com dilemas do preconceito racial. O personagem Chris, interpretado por Tyler James Williams, tem o dublador Renato Alcântara, o Julius Rock, vivido por Terry Crews, recebe a voz de Gutemberg Barros, a matriarca Rochelle Rock, de Tichina Arnold, tem a voz da Guilene Conte, o irmão mais novo Drew Rock, do Tequan Richmond, é dublado por Ricardinho e a caçula da família Tonya Rock, vivida pela Imani Hakim, tem a voz brasileira da Bianca Salgueiro. Todos os atores escalados são brancos ou não fizeram nenhuma autodeclaração racial.

A partir daí, a dublagem será moldada, em construção conjunta entre atores e a diretora para alcançar o tom de voz, trejeitos e demais características. Os dubladores "improvisam e criam em cima do roteiro original ou traduzido, entendemos a linguagem dos filmes, para constituição de dois dos corpora utilizados aqui, como linguagem falada"(BARROS, 2006, p. 102), portanto a subjetividade individual de cada profissional escalado para interpretar o personagem interage diretamente com o resultado final da versão dublada.

Portanto, as escolhas feitas ao longo do processo de dublagem, especialmente na tradução, direção e escalação dos atores refletem diretamente na reprodução de estereótipos raciais na versão em português brasileiro de *Todo Mundo Odeia o Chris*. Ao optar por estratégias de domesticação sem um olhar crítico para as marcas culturais e raciais da obra original, corre-se o risco de reforçar preconceitos internalizados na cultura do país receptor. Além disso, a ausência de representatividade negra entre os dubladores, somada à direção e interpretação predominantemente brancas, compromete a autenticidade das

vivências afro-americanas retratadas na série, transformando a crítica social original em uma caricatura culturalmente deslocada. A responsabilidade dos profissionais envolvidos — tradutores, diretores e dubladores — vai além da técnica: ela envolve uma postura ética diante das questões de identidade, representação e memória cultural.

3. ANÁLISE

3.1. Expressões populares consideradas racistas

Para entender as substituições por ditados e expressões populares, é necessário levar em consideração que em um processo tradutório os aspectos linguísticos são indissociáveis dos culturais (Rosa, 2002), principalmente quando se trata de textos de comédia. Os textos do gênero de humor precisam ser traduzidos de forma que também alcance o riso da audiência em um público-alvo com uma identidade diferente do país de origem do produto audiovisual, produto este que carrega referências com sentidos próprios de dentro de um universo cultural específico e compartilhado (BERGSON, 2001). Dessa forma, é exigido do tradutor e do dublador que estratégias sejam adotadas para a adequação das falas. Assim, a tradução literal de um texto — compreendido aqui como um discurso que pode ser retirado de seu contexto original (AALTOONEN, 2000 apud FOIS, 2020, p. 220) — não garante sua compreensão nem sua eficácia no objetivo desejado, já que cada cultura possui um repertório próprio de referências e sentidos, e, portanto, a eficiência da tradução está em produzir efeitos semelhantes aos do texto original, respeitando as especificidades culturais do público receptor.

Neste sentido, o black sitcom adotou a estratégia de acrescentar ditados e termos populares nas falas dos personagens para alcançar a identificação do público e a produção do humor. Entretanto, dentre estas escolhas estão expressões comprovadamente racistas que reproduzem uma violência simbólica e estigmatizam pessoas negras.



(Episódio 1 - 1ª Temporada)

Áudio original - Inglês

Rochelle: Oh no, no, no. You are not going to school in those sneakers.

Narrador: Believe it or not, there was a time when you couldn't wear sneakers everywhere.

Chris: Why? Everybody else wear sneakers.

Rochelle: Because you look raggedy. And plus, you have an assembly today. Boy you done lost your mind.

Narração: My mother hated raggedy. She always said it's better to be poor and neat, than rich and raggedy. I think she said that because we were poor.

Legendado - Português

Rochelle: Não, não. Você não vai para a escola com eles.

Narrador: Acreditem ou não, houve um tempo em que não se usava tênis em todos os lugares

Chris: Por quê? Todo mundo usa.

Rochelle: Está maltrapilho. E tem reunião hoje. Você perdeu mesmo o juízo.

Narração: Minha mãe odiava maltrapilho. Melhor ser pobre e arrumado do que rico e maltrapilho. Dizia isso, porque éramos pobres.

Dublado - Português

Rochelle: Não, não, não! Não vai pra escola de tênis moleque!

Narrador: Acredite se quiser, houve um tempo que não se usava tênis em qualquer lugar

Chris: Por quê? Todo mundo usa tênis lá

Rochelle: Porque parece um mulambo e você tem reunião de turma hoje; moleque, se liga!

Narração: Minha mãe detestava molambos! Ela sempre disse que era melhor se pobre e bacana do que rico e mulambento...acho que é porque a gente era pobre

No episódio Todo Mundo Odeia o Chris, o primeiro de toda a série, a personagem Rochelle utiliza o termo “mulambo” para descrever como o filho ficaria se usasse tênis para ir à Escola. A palavra “mulambo” ainda é recorrente no vocabulário brasileiro e pode ser encontrada no Dicionário de Termos Nordestinos, de Gilberto Albuquerque, com o significado de "Desajeitado, desarrumado, mal vestido", mas esta expressão carrega violência simbólica sob corpos negros. De fato, em sua origem etimológica, mulambo refere-se a um “trapo”, “pano sujo” ou “farrapo”, o que corresponde à sua primeira ordem

indexical, segundo a teoria proposta por Silverstein (2003), que compreende os sentidos mais literais, o que derivou no significado mais amplamente conhecido e difundido, velando a carga racista e do histórico excludente associado ao termo.

No entanto, durante o período colonial e escravocrata brasileiro, essa palavra passou a assumir uma segunda ordem indexical, um novo sentido, quando escravizados passaram a ser chamados de “mulambos” pelos senhores de engenho, fazendo referência às vestes desgastadas e precária que usavam. Sendo assim, mulambo deixa de operar apenas como um substantivo relacionado a roupas e trajes, e passa a atuar como um adjetivo desumanizante, que subjuga negativamente o corpo negro, reduzindo-o à condição de sujeira e inferioridade.

O termo, portanto, carrega em sua história um índice racial, vinculado a uma lógica de desvalorização da pessoa negra, o que torna o significado de primeira ordem indexical inseparável de sua origem violenta, mesmo que com o tempo tenha sido ressignificado como um adjetivo generalista. A perpetuação desse signo em uma produção que ainda é repercutida atualmente, reforça o racismo estrutural por meio da linguagem, perpetuando formas simbólicas de desumanização de forma naturalizada.

Ainda no contexto da cena apresentada, a palavra utilizada no áudio original, em inglês, foi “*raggedy*”, que de acordo com o dicionário Merriam-Webster, significa algo que está esfarrapado, desgastado ou em mau estado, geralmente porque está rasgado, sujo ou passou por um mal uso. Na legenda em português brasileiro da série a palavra foi traduzida como “maltrapilho”, que significa uma pessoa que se veste com trapos ou de forma desleixada, então se encaixa como uma tradução fidedigna, com permanência de sentido e aspecto coloquial.

No terceiro episódio, Todo Mundo Odeia Basquete, é possível notar em outra cena com uma substituição no diálogo da personagem Rochelle, desta vez por um ditado popular de origem colonial e racista.



(Episódio 3 - 1ª Temporada)

Áudio original - Inglês

Rochelle: Julius, I thought something was wrong the minute I laid eyes on that man, and now I know it. I want him out of my house.

Legendado - Português

Rochelle: Julius, eu sabia que aí tinha quando bati o olho no cara. Agora, tenho certeza. Quero ele fora da minha casa.

Dublado - Português

Rochelle: Eu sabia que debaixo desse angu tinha carço no momento que eu vi aquele sujeito. Eu sabia! Quero ele fora da minha casa!

Na situação, Rochelle está desconfiada do novo inquilino e desde o início suspeita que ele mantenha alguma atividade irregular, e para manifestar sua indignação diz *“I thought something was wrong the minute I laid eyes on that man”*, que foi traduzido para “eu sabia que aí tinha quando bati o olho no cara” uma forma coloquial, espontânea e com traços da oralidade brasileira. Entretanto, na dublagem a personagem diz o ditado popular “Eu sabia que debaixo desse angu tinha carço”.

A origem desta expressão, ou seja, a sua primeira ordem indexical e atribuição de sentido, já é no contexto colonial e de escravatura (Silverstein, 2003). As raízes históricas deste ditado estão em um comportamento adotado durante as refeições de pessoas escravizadas, quando recebiam a comida, geralmente uma porção de angu de fubá, em cuias, conforme detalhado por Ribeiro e Lima (2018):

A expressão “angu de carço” tem uma motivação histórica possivelmente ligada ao tempo da escravatura, onde a escrava que os servia, sempre que podia, escondia algum pedaço de carne ou torresmo debaixo do angu. Quando outro escravo percebia isso, comentava o fato com o seu companheiro, comumente usando a expressão: “debaixo desse angu tem carço”. Daí o significado de que alguém está escondendo algo (RIBEIRO; LIMA, 2018, p. 98).



Posteriormente, a frase adquiriu a segunda ordem indexical e se transformou em um ditado popular que significa algo suspeito, escondido ou que não está certo em uma situação, em outros contextos também pode ser interpretado como quando algo dá resultado contrário ao previsto, desordem, complicação ou confusão.

Dessa forma, ao analisarmos o uso de expressões como “mulambo” e “debaixo desse angu tem caroço” na dublagem da série Todo Mundo Odeia o Chris, observa-se que as escolhas tradutórias vão além da simples substituição linguística. A adaptação cultural para aproximar o público-alvo da intenção humorística original por meio de ditados e regionalismos reconhecíveis do repertório brasileiro é fundamental, contudo, as estratégias adotadas não estão isentas de problemáticas éticas e sociais, embora cumpram eficazmente o papel de identificação e comicidade .

A utilização de termos com carga histórica racista — como no caso de mulambo, cuja trajetória está enraizada na desumanização de corpos negros durante o período escravocrata — ou de expressões como “caroço nesse anju”, cuja origem também remonta a práticas culturais do contexto da escravidão, reforça formas de violência simbólica (BOURDIEU, 2001) e perpetua estigmas sob a aparência de humor e coloquialidade. Tais escolhas evidenciam que, mesmo em ambientes voltados ao entretenimento, a linguagem pode operar como instrumento de reprodução de estruturas sociais opressoras (DUARTE, 2019). A tradução, principalmente quando envolve gêneros como o humor, não pode ser pensada apenas em termos de equivalência funcional, mas deve considerar os efeitos ideológicos, históricos e culturais das palavras escolhidas. O trabalho de dublagem, nesse sentido, também ocupa o papel de agente político e cultural.

3.2. Substituições de palavras

O processo de tradução e, especialmente, de dublagem, busca adaptar o conteúdo estrangeiro para torná-lo mais compreensível e aceitável ao público-alvo, tal prática pode levar a uma interpretação parcial do material original,

reduzindo ou até eliminando elementos culturais específicos da versão de origem. O black sitcom *Todo Mundo Odeia o Chris* é recheado de sátiras, piadas e referências à sociedade norte-americana, inserindo nos diálogos nomes de filmes, seriados, cantores, celebridades, políticos e outras figuras públicas.

Para a tradução e dublagem, isso representa o desafio de encaixar expressões e referências culturais familiares ao público local que sejam equivalentes ao sentido proposto pela versão original. Somado a isso, *Todo Mundo Odeia o Chris* também tem em sua trama situações de racismo em que personagens utilizam palavras de injúria racial e outros tipos de preconceito. Em alguns casos, a dublagem tenta suavizar as palavras. A dublagem do personagem Caruso, o garoto branco que é um valentão no colégio e pratica bullying com vários estudantes e em especial com o protagonista, resulta em diversos tipos de estratégias de substituições, já que o garoto sempre faz ofensas racistas contra Chris.

(Episódio 1 - 1ª Temporada)

Original

Caruso: This isn't over, nigger!

Dublagem

Caruso: Te pego na saída, neguinho!

Nesta cena de confronto entre o Chris e o Joey Caruso, o garoto branco que é um valentão no colégio e pratica bullying, na dublagem houve a utilização do palavra “neguinho”, no diminutivo, que remete a ordem do politicamente correto e amenização do efeito dessa palavra no corpo negro (ALMEIDA, 2017, p. 152). O termo “nigger” nos Estados Unidos é um insulto racial direto e intensamente ofensivo, sua tradução como “neguinho” busca preservar a função pejorativa, mas de forma amenizada, o que pode ser interpretado como uma estratégia de eufemização. No entanto, essa escolha não elimina o potencial racismo na expressão, apenas o disfarça sob uma aparência de informalidade

ou afeto, o que pode reforçar, de maneira sutil e indireta, a naturalização do racismo no discurso cotidiano brasileiro.

Em outros momentos, Caruso, como é conhecido, também cria apelidos baseados em referências ao cinema, a música e a cultura estadunidense, o que para a versão em português brasileiro seria inviável. Esta situação ocasionou a substituição de referências, não necessariamente pejorativas se fosse desconsiderado o contexto, por termos carregados de conotação racista no Brasil, como “pixaim” e “cabelo duro”.

(Episódio 1 - 1ª Temporada)

Original:

Narrador: That’s Joey Caruso, a little thug with a big chip on his shoulder. Yáll know I managed to avoid him before I wore these shoes.

Caruso: Nice shoes, Bojangles!

Dublagem

Narrador: Esse é o Joey Caruso, um marginalzinho com uma índole sinistra. Enquanto eu não calcei esses sapatos eu até escapei dele.

Caruso: Pisante bacana, ô pixaim!

Neste outro momento, Caruso está caçoando dos sapatos sociais de Chris e o chama de “Bojangles”, referência a Bill Bojangles, um dos mais importantes e influentes dançarinos de sapateado da história, além de também ter sido um grande ator que estrelou filmes de Hollywood na década de 1930. No original, a piada estaria no fato de Chris utilizar calçados que pareciam de sapateado e ser um homem negro, assim como o Bojangles. Para a dublagem brasileira o humor não seria entendido pois o artista não teve influência suficiente no país para se tornar um repertório sociocultural comum. A estratégia adotada para contornar esta questão foi utilizar a palavra “pixaim”, um termo usado para descrever de forma ofensiva o cabelo de pessoas negras:



Pixaim é uma palavra utilizada com recorrência para caracterizar os cabelos crespos, muito frisados, de pessoas negras. Na maioria das vezes em que essa palavra é proferida, ela tem uma significação negativa. Ela é utilizada no intuito de ofender, diminuir, agredir a outra pessoa. Cabelo pixaim é o cabelo que não é considerado “bom”. (SILVA, 2018, p. 105)

A escolha do termo ofensivo alcançou o objetivo de representar uma ofensa em cena no seriado, mas a versão brasileira utilizou de uma palavra preconceituosa e problemática para tal. Esta mesma estratégia se repete em outra cena do primeiro episódio:

(Episódio 1 - 1ª Temporada)

Original

Caruso: What are you waiting for? Cornbread.

Dublagem

Caruso: O que tá esperando? Cabelo Duro.

Neste caso, o termo usado para provocar o protagonista no áudio original foi “Cornbread”, fazendo referência a “Cornbread, Earl and Me”, um filme de drama norte americano lançado em 1975. O longa-metragem narra a história de Nathaniel Hamilton, um promissor jogador de basquete conhecido como “Cornbread”, que é confundido e morto pela polícia, mobilizando um irmão e um amigo a buscarem justiça. Na dublagem, outro insulto racista com relação ao cabelo crespo, desta vez substituindo por “cabelo duro”.

A análise evidenciou tais exemplos de que, na tentativa de manter o impacto cômico ou ofensivo das falas originais, os tradutores recorrem a vocábulos historicamente associados à desvalorização e estigmatização da população negra no Brasil. As escolhas, mesmo que respaldadas pela tentativa de preservação da função pragmática do insulto presente na versão original, acabam por reproduzir discursos discriminatórios e perpetuar formas de violência simbólica (BOURDIEU, 2001) dentro da narrativa.

3.3. A agressividade do homem e da mulher negra

O estereótipo de que pessoas negras são agressivas tem raízes formadas pelo colonialismo, escravidão e racismo estrutural, fatores que moldaram a forma como os sujeitos negros são percebidos socialmente. Mesmo com o generalismo, o modo como essa construção estereotipada recai sobre esses corpos tem diferença entre os gêneros. Para os homens negros, essa imagem é direta e predominante, utilizada como forma de desumanização e controle. Já no caso das mulheres negras, a agressividade é frequentemente retratada como uma resposta à violência e opressão vividas.

A linguagem e as narrativas midiáticas desempenham um papel central nesse processo, ao reproduzir atos de linguagem que sustentam espaços simbólicos de opressão. Produtos audiovisuais e outras formas de mídia atuam como ferramentas capazes de naturalizar ideologias racistas, repetindo deliberadamente um repertório limitado de características pejorativas, como a agressividade, atribuídas a grupos racializado:

Portanto, se o racismo é estrutural no Brasil e se intersecciona com outras categorias que inventam os corpos e os localizam na arquitetura do poder, é preciso olhar as narrativas midiáticas conforme seu percurso textual histórico que vai além de uma ficção, mas que provocam efeitos reais em nossas vidas cotidianas e em como olhamos para nós mesmos. (ALMEIDA, 2017, p. 21)

A repetição de um discurso com ideias racistas não apenas reforça estereótipos, mas também contribui para a manutenção de preconceitos que moldam a inteligência social e até o senso de autopercepção de pessoas negras. Esta problemática é reconhecível na dublagem de *Todo Mundo Odeia o Chris*, e se concentra em dois personagens centrais e, não à toa, também são as maiores figuras de autoridade da série, o Julius e a Rochelle.

No caso da personagem Rochelle, é possível identificar um problema desde a formação da voz na versão brasileira. Em 2023, Guilene Conte, que como mencionado anteriormente é a dubladora da matriarca da série, relatou

durante uma entrevista ao Desfoque PodCast que sua voz natural não combina com a de Tichina Arnold, mas imitou a voz de uma vizinha para fazer o papel.

Eu tinha uma vizinha de janela. [...] E ela era uma Rochelle, ela tinha três filhos, as crianças eram uns amores. Quando ela chegava em casa, as crianças desesperavam. E eu tinha essa mulher no meu ouvido. Aí teve até um dia que eu não achava que ela era mãe das crianças. Porque ela berrava tanto com as crianças que eu falava assim, bom, eu tenho que ligar pra essa vizinha pra avisar que a pessoa com quem ela está deixando as crianças está infernizando essas crianças. [...] Aí fui fazer o teste da Rochelle, falei “Ah, ela é a minha vizinha. Eu já sei como é que ela é.” E fiz. Fiz a minha vizinha. E aí passei no teste, né? (CONTE, 2023, [entrevista transcrita])

Ainda durante a entrevista, Conte(2023) conta que realmente ligou para denunciar o comportamento e foi surpreendida com o aviso de que se tratava da própria mãe. Essa declaração reflete a construção da personagem Rochelle e como ela foi baseada em experiências pessoais da atriz, não somente na personalidade em questão, o que reflete o imaginário com o qual a versão brasileira foi submetida, utilizando como base uma conduta digna de denúncia e de uma mãe que “infernizava” os próprios filhos.

De fato, a personagem Rochelle, interpretada por Arnold, tem momentos em que precisa se posicionar para educar os filhos ou se posicionar diante do marido e demonstra uma forma “tradicional” de educação, com ameaças, mas enquanto sua autoridade não é posta à prova, a matriarca demonstra ser uma mulher forte, altiva, firme, fiel e muito amorosa. Enquanto que na versão dublada, o tom de voz é constantemente afetado e o acréscimo de palavras como “moleque” e “menino” para se referir aos filhos nas pequenas interações, fomenta o pensamento de que a personagem é agressiva e revoltada, estereótipos raciais atribuídos a mulheres negras. Rodrigues (2011, apud CANDIDO; FERES JÚNIOR, 2019, p. 8) defende que “há uma evolução do 'negro revoltado' ao 'militante politizado'”. O primeiro é vinculado ao contexto da escravidão e da revolta perante à privação de direitos, enquanto o segundo é



situado na dinâmica política do presente", neste contexto, a “revolta” também é característica de um estigma racial.

(Episódio 1 - 1ª Temporada)

Áudio original - Inglês

Rochelle: Oh no, no, no. You are not going to school in those sneakers.

Legendado - Português

Rochelle: Não, não. Você não vai para a escola com eles.

Dublado - Português

Rochelle: Não, não, não! Não vai pra escola de tênis, moleque!

Nesta cena, é possível notar a ausência de afetação no original e dublado, com apenas o aviso de que Chris não poderia usar os tênis como gostaria. No dublado, essa essência cautelosa é perdida e substituída por uma fala mais ríspida com o vocativo “moleque”. que pode significar “menino” ou adotar um sentido pejorativo e se referir a um homem de caráter duvidoso, malandro ou irresponsável.

O outro personagem que também recebe modificações no modo de se comunicar é o Julius, que é interpretado por Terry Crew e o ator possui um tom de voz ameno, enquanto que na versão dublada recebe uma voz mais forte e impostada. Além da mudança no tom da voz, a entonação também fica mais carregada e autoritária, o que acaba contribuindo o estigma de possível comportamento agressivo em um homem negro. Além disso, a tradução também é modificada, a substituição de frases coloquiais para os norte-americanos por indagações que podem levar a interpretação de uma ação ríspida.

(Episódio 1 - 1ª Temporada)

Original

Julius: Is Chris gonna be home in time to wake me up?

Rochelle: Can I see in the future?

Julius: What's wrong with you?



Dublagem:

Julius: O Chris vai chegar a tempo de me acordar?

Rochelle: E eu prevejo o futuro?

Julius: Mas que bicho te mordeu ?

No original, Julius pergunta “What’s wrong with you?”, que pode ser traduzido como “O que você tem?”, uma dúvida de preocupação natural após a resposta irônica de Rochelle. Na dublagem, a frase foi substituída por “Mas que bicho te mordeu?” em um tom grosseiro, o que destoa da proposta do original e distancia o público da personalidade tranquila de Julius e o aproxima do estigma racista de que um homem negro é ríspido.

As masculinidades negras ao serem moldadas pela ideologia eurocêntrica do que venha ser homem e de como esse deve exercer uma masculinidade irrepreensível impulsiona ao negro características da animalidade como o posto da racionalidade. Em vista disso, Austin (1998) traz a noção de atos de fala e sua performatividade como sendo o ato de dizer e fazer, isto é, os enunciados não só descrevem o mundo mas produzem efeitos concretos e simbólicos, constroem realidades. São ações performativas que viabilizam a naturalização de determinadas ideologias na sociedade, e os produtos midiáticos se tornam parte, instrumentos e formas de experienciar essas performatividades de mundo. (ALMEIDA, 2017, p 5-4)

Ao considerar que a linguagem é um ato performativo, como propõe Austin (1998), e que os produtos midiáticos são espaços de enunciação de discursos naturalizados, é possível compreender que a dublagem atua como vetor de ideologias, podendo tanto desafiar quanto reforçar sistemas opressivos. Estereótipos raciais não apenas persistem, mas são atualizados e reforçados através de escolhas tradutórias e performativas ao transformar personagens originalmente multifacetados em figuras mais caricatas e alinhadas a concepções preconceituosas, como o homem negro agressivo ou a mulher negra histórica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dublagem brasileira de *Todo Mundo Odeia o Chris* permite observar como estereótipos raciais são não apenas preservados, mas potencializados na transposição cultural da série para o português. Ainda que a obra original tenha uma proposta crítica e cômica ao retratar o racismo enfrentado por Chris Rock em sua adolescência durante os anos 80 em Nova York, a versão dublada por vezes distorce a problematização inerente a série ao aplicar escolhas linguísticas que reforçam imagens negativas e estigmas históricos dos corpos negros, pondo a prova toda a intenção e articulação proposta pelo audiovisual.

O olhar crítico para além da experiência como entretenimento denuncia como as práticas linguísticas podem passar despercebidas por produtos que foram institucionalizados por mais de uma década reproduzindo estigmas por meio de uma ferramenta com a função de democratizar o acesso. Apesar do humor e do tom leve da série, a recepção e reformulação do sitcom no Brasil revela tensões importantes entre intenção autoral, adaptação cultural e práticas linguísticas. A leitura crítica da mídia dublada como campo de reprodução simbólica e ideológica, revela que o corpo negro pode ser posto, mais uma vez, em local de inferioridade e discriminação, até quando são os protagonistas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gilberto. *Molambo*. In: ALBUQUERQUE, Gilberto. ***Dicionário de Termos Nordestinos***. [S.l.: s.n.], [s.d.]. p. 8. Disponível em: <http://www.jessierquirino.com.br/site/wp-content/uploads/2013/06/dicionario.pdf>.

Acesso em: 4 maio 2025.

ALMEIDA, Ludmila Pereira de. ***Todo mundo odeia o Chris: performatividade e vulnerabilidade dos corpos negros à linguagem midiática***. 2017. 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Cidadania) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

ALMEIDA, Ludmila Pereira de. **Corpos diaspóricos e masculinidades negras: uma leitura de *Todo mundo odeia o Chris* a partir da decolonialidade.** *Relacult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, Foz do Iguaçu, v. 3, ed. especial, art. n. 631, dez. 2017. e-ISSN 2525-7870. Disponível em: <http://relacult.claec.org>. Acesso em: 2 set. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Lívia Rosa Rodrigues de Souza. **Tradução audiovisual: a variação lexical diafásica na tradução para dublagem e legendagem de filmes de língua inglesa.** 2006.

219 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro.** *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54549, 2019.

DESFOQUE PODCAST. **Guilene Conte (Dubladora da Rochelle em Todo Mundo Odeia o Chris)** – Desfoque Podcast #69. YouTube, 15 jul. 2023. 1 vídeo (3h03min14s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=efyhdsjKOuk>. Acesso em: 1 set. 2025.

DICIO, **Dicionário Online de Português.** *Maltrapilho*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/maltrapilho/>. Acesso em: 2 set. 2025.

FOIS, Eleonora. Tradução audiovisual: teoria e prática da dublagem. *RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 217-234, 2020.

GOMES, Tawane Maria Santos. **Entre favelados, mulambos e urubus: o racismo na história do Clube de Regatas do Flamengo.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2022.

LIMA, Raíssa Oliveira de. **A voz do ator em outro corpo: um diálogo entre a dublagem e a cena**. 2024. 103 f. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena, Teatro, Dança e Performance) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. *Raggedy*. In: *Merriam-Webster.com Dictionary*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/raggedy>. Acesso em: 2 set. 2025.

NASCIMENTO, Gabriel. **‘Mulambo’ é palavra racista? Veja o que dizem especialistas sobre expressão usada por Djonga que causou polêmica**. [Entrevista concedida a] Maria Lúcia Gontijo. *G1 Globo*, MG, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/02/23/mulambo-e-palavra-racista-veja-o-que-dizem-especialistas-sobre-expressao-usada-por-djonga-que-causou-polemica.ghtml>. Acesso em: 2 set. 2025.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso** (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

PINTO, Joana P. Pragmática. In: MUSSALIN, F.; BENITES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2000. p. 47-68.

PRADO, Guthierre Barbosa da Silva; CASSOLI, Tiago. **Masculinidade e afetividade do homem negro no Brasil: uma análise genealógica das relações de poder**. *Cadernos do LPPP UFJ*, Jataí, v. 1, e0102, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.13941607. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13941607>. Acesso em: 2 set. 2025.

RIBEIRO, Sarah Virginia Carvalho; LIMA, Paula Lenz Costa. **O que um angu de carço e a kettle of fish têm em comum**. *Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 98, 2018.

ROCK, Chris; LEROI, Ali; MICHAELS, Jim (prod.). **Todo mundo odeia o Chris**. [Série de TV]. Criação de Chris Rock e Ali LeRoi. EUA: CBS Paramount Network Television, 2005. 4 temporadas, 88 episódios.



SILVA, Franciane Conceição da. **Feições do racismo no conto “Pixaim”**, de Cristiane Sobral. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 103-117, 2018. DOI: 10.17851/2317-2096.28.4.101-117.

SILVERSTEIN, Michael. **Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life.** *Language & Communication*, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

SOUZA, Luana Franciele Miranda. **Uma questão de cor: mulheres negras, representações e afetividade.** [S.l.: s.n.], 2018. Trabalho não publicado.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

WODEVOTZKY, Robson Kumode; BAITELLO JR., Norval. **Processos de criação em dublagem.** *Novos Olhares*, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/novosolhares/article/view/163697>. Acesso em: 1 set. 2025.